

«NÃO HÁ UM CAMINHO, HÁ PEQUENAS VEREDAS...»

Adelaide Theotónio

Durante dois anos, fui voluntária da CRESCER – Associação de Intervenção Comunitária, e procurei alojamento para refugiados (e também para pessoas sem-abrigo).

Tive o privilégio de conhecer alguns e fui sempre tocada pela gentileza e humildade de todos eles. Lembro-me bem de Awet e Tsehaye, refugiados da Eritreia, e do relato que fizeram da viagem até Portugal, deixando as suas famílias no Sudão... Do contacto com os senhorios dos inúmeros apartamentos que visitei, se guardo memórias do bom acolhimento, habitual em Portugal, também em diversas situações ouvi reações como esta: «Refugiados na minha casa? Nem pensar... A senhora não me leve a mal... mas quero uma “família portuguesa normal”».

Devemos escutar a realidade, com a mente e o coração abertos

Os especialistas vêm alertando: os desastres climáticos são já a primeira causa de migração em todo o mundo – 20 milhões de pessoas, por ano, na última década.

Hoje é «três vezes mais provável que alguém seja forçado a deixar a sua casa por ciclones, inundações ou incêndios florestais do que por conflitos». Os cidadãos mais vulneráveis às questões climáticas são os mais pobres. Apesar de serem «os que menos contribuíram para a poluição causada pelo CO2, são os que estão em maior risco» (estudo da Oxfam, dezembro 2019).

Em 2015, na Encíclica *Laudato Si’ – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (LS), o Papa Francisco antevia já essa situação: «As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Provavelmente os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento.(...) É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental» (LS, n. 25).



Como responder ao desafio colocado por estas migrações ?

Na *Mensagem* para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (29 de setembro de 2019), o Papa Francisco resume a resposta com quatro verbos: **acolher, proteger, promover e integrar**. «Mas estes verbos não valem apenas para os migrantes e os refugiados; exprimem a missão da Igreja a favor de todos os habitantes das periferias existenciais (...). Os migrantes, especialmente os mais vulneráveis, ajudam-nos a ler os “sinais dos tempos”. Através deles, o Senhor chama-nos a uma conversão».

Respondendo a um jesuíta que trabalha com refugiados, o Papa salientou: «Não há um caminho, há pequenas veredas que cada um de nós deve procurar fazer observando a realidade, recorrendo à oração e fazendo discernimento».